

Cargo: P07 - PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA 3 - HISTÓRIA

Disciplina: CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Questão	Gabarito por extenso	Justificativa	Conclusão (Deferido ou Indeferido)	Resposta Alterada para:
31	Epopéia de Gilgamesh	O estudo da antiguidade não pode prescindir da cultura. O texto da epopeia de Gilgamesh apresenta elementos importantes para o estudo da economia e política dos povos da Mesopotâmia e povos semitas na região.	INDEFERIDO	-
32	Tinham língua, cultura e religião, porém se diferenciavam na estrutura política e economia.	As argumentações não procedem. Os gregos antigos possuíam língua, religião e cultura comuns. Diferenciavam-se sim na política e na economia. FINLEY, M.I. Os gregos Antigos. Lisboa: Edições 70, 2002, p.14-16. FINLEY, M.I. A política no mundo Antigo. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, pp.66-87.	INDEFERIDO	-
33	Início do Renascimento	O início do Renascimento deve ser concebido a partir do século XIII e não na Idade Moderna. O Renascimento é um evento italiano. Iniciou-se com as transformações do século XIII e na Itália teve três fases: o Trecento (século XIV), o Quatrocento (século XV) e o Cinquecento (século XVI). MICHELET, Jules. A agonia da Idade Média. São Paulo: Educ, 1992, p. 23-24.	INDEFERIDO	-

35	Era direta. A Eclésia ou Assembleia dos cidadãos reunia todos os cidadãos de Atenas, excluindo mulheres, estrangeiros e escravos.	O sorteio e o fato de Clístenes haver reforçado a Bulé não tira o caráter direto da democracia ateniense. A alternativa reforça ainda "reunia todos os cidadãos de Atenas, excluindo mulheres, estrangeiros e escravos", assim, a argumentação não procede. FINLEY, M.I. Os gregos Antigos. Lisboa: Edições 70, 2002, p.14-16. FINLEY, M.I. A política no mundo Antigo. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, pp.66-87.	INDEFERIDO	-
36	Desde o governo de Tibério, no século I, houveram atritos entre romanos e germânicos e a partir do século III, os conflitos constantes colaboraram para a decadência do Império Romano.	A alternativa alegada pelo candidato é improcedente ao afirmar que "as invasões se manifestaram como um processo de assimilação cultural que favoreceu o Império a partir do século III". As condições a que foram submetidos os germanos foram, entre outros os motivos que fizeram com que militares germanos treinados pelos romanos se rebelassem. GRANT, Michel. História de Roma. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, pp. 341-378.	INDEFERIDO	-
39	O trabalho era orientado pelas estações do ano e pelas horas da Igreja, devendo o servo trabalhar nas suas terras e no manso senhorial.	As terras eram sim do Senhor Feudal que as cedia ao servo preso por contrato, porém, enquanto vivesse ele arava essas "suas" terras e nelas plantava, colhia e sustentava sua família. Para manter a terra os seus descendentes após a sua morte pagavam a mão morta. O pronome plural "suas" reforça essa situação. As demais argumentações não procedem, vide: DUBY, Georges. Economia rural e vida no campo no Ocidente Medieval. Lisboa: Edições 70, 2000, pp. 47-91. LE GOFF, Jacques. O tempo da Igreja e o tempo do	INDEFERIDO	-

		mercador. In: Para uma outra Idade Média. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 83-101.		
41	Sofreram restrições nas suas relações comerciais e tiveram que aceitar a dominância naval inglesa.	Ao afirmar “tiveram que aceitar a dominância naval inglesa” a alternativa não nega os confrontos entre a Inglaterra e a Holanda. A argumentação não procede. A alternativa diz: “tiveram que aceitar a dominância naval inglesa”. Essa aceitação se faz após conflitos, porém, ocorreu. Após a guerra a Holanda viu-se obrigada a aceitar a dominação naval inglesa. Hill, Christopher. A Revolução Inglesa de 1640. 2 ed. Lisboa: Presença, 1991.	INDEFERIDO	-
42	O Juízo final - Michelangelo	A obra de arte expressa o momento histórico em que foi produzida. A pintura em questão se insere na fase final da vida de Michelangelo e apresenta elementos questionadores da sociedade e cultura da época. O pintor rompeu com o modelo classicista e a obra é considerada o início do Maneirismo. A imagem é precedida pelo comando: “Observe a pintura”. O enunciado da questão diz: “A pintura acima se insere nos primórdios da Contra Reforma Católica”, servindo para situar o candidato no tempo histórico, porém, não se refere à Contra Reforma Católica, mas sim à obra de arte renascentista, já que no século XVI o renascimento se expandiu pela Europa, inclusive nos países de denominação protestante.	INDEFERIDO	-
43	Representou uma mudança arquitetônica que estabelecia a importância da Igreja Católica e a sacralidade do imperador.	Ao definir que somente a religião católica podia ter templos com formato de templos a constituição de 1824 estabeleceu referenciais arquitetônicos e visuais pela cidade que reportavam à figura do imperador. Devemos ainda lembrar que durante todo o Império se manteve o padroado e a união entre a Igreja e o Estado no Brasil. ANGELOZZI, Gilberto. História do Direito no Brasil. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2009. EMMERICK, Rulian. As relações igreja/estado no direito constitucional brasileiro. Um esboço para	INDEFERIDO	-

		pensar o lugar das religiões no espaço público na contemporaneidade. Revista latino-americana, Rio de Janeiro, n. 5, p. 144-172, 2010.		
47	Aumentar a produção através da restauração da pequena e média na indústria alimentícia, no comércio varejista e na agricultura.	<p>Lênin tinha a intenção de fortalecer a Rússia e a Revolução e não de fazer uma nova revolução. Lênin foi forçado a aceitar que o semi-capitalismo do NEP duraria por muito tempo. O socialismo só seria factível uma vez que a classe trabalhadora tivesse passado por uma "revolução cultural" (não no sentido de uma nova revolução), mas referindo-se a uma educação e uma campanha bem-sucedida de inculcar a ética de trabalho que ele mesmo aprendera no país. Ele nunca admitiu a acusação da Segunda Internacional e dos mencheviques de que sua revolução havia sido prematura. A afirmação de Kautsky usando a expressão de espera revolucionária é vista por Lênin como um período de acomodação da Revolução.</p> <p>PONS, Silvio. Revolução global, A: história do comunismo internacional (1917-1991). Rio de Janeiro: Contraponto/Fundação Astrogildo Pereira, 2014.</p> <p>PRIESTLAND, David. A bandeira vermelha. História do comunismo. São Paulo: Leya, 2012.</p> <p>SMITH, S.A. A Revolução Russa. Porto Alegre: L&PM, 2002.</p>	INDEFERIDO	-
48	Foi uma revolução social de massa. Caracterizou-se como uma revolução ecumênica, com a finalidade de revolucionar o mundo.	<p>Havemos que considerar que a Revolução Francesa não pode ser vista como um fato histórico restrito a 1789. Deve ser compreendida em toda a extensão do processo histórico que se prolongou até a Comuna de Paris em 1871.</p> <p>Outra importante consideração é que o chamado Terceiro Estado na França compreendia a Burguesia, os Sans Culotes, pequenos comerciantes, profissionais liberais, camponeses, artesãos, ou seja, cerca de 96% da população francesa.</p> <p>Os efeitos da Revolução Francesa logo afetaram outras nações e geraram reações de outras nações. O liberalismo se expandiu, especialmente no período napoleônico.</p>	INDEFERIDO	-

	<p>A atual discussão historiográfica ganhou foco especialmente durante a celebração dos 200 anos da Revolução Francesa em 1989. Naquele momento Eric Hobsbawm publicou Ecos da Marselhesa onde rebate as críticas de François Furet e outros revisionistas à historiografia da Revolução Francesa e especialmente aos marxistas.</p> <p>François Furet propõe que se interprete a Revolução Francesa como um fenômeno político-ideológico — e só político-ideológico —, que se o aborde como um discurso e, como se não bastasse, como um discurso sem sujeito (porque "mais que uma ação a Revolução é uma linguagem. É em relação a essa linguagem, lugar do consenso, que a máquina seleciona os homens: a ideologia fala através dos chefes jacobinos, mais do que estes falam através dela", p. 187, grifos meus). E, para desqualificar a visão e o conceito da Revolução Francesa como revolução burguesa, isto é, como ruptura e momento crucial na passagem de um modo de produção a outro, sustenta, apoiado em Tocqueville, que a Revolução "só pode ser compreendida em e pela continuidade histórica. Ela completa esta continuidade nos fatos, embora apareça como ruptura nas consciências".</p> <p>Eric Hobsbawm – Ecos da Marselhesa</p> <p>Rebatendo e criticando essa análise Hobsbawm em Ecos da Marselhesa demonstrou que o conceito (e o modelo) de revolução burguesa foi uma criação historiográfica, não do marxismo, mas do liberalismo. Mais precisamente, uma criação dos historiadores franceses — liberais moderados — da Restauração (1815-1830), como François Guizot, Augustin Thierry, Adolphe Thiers e F. A. Mignet (fato que, Hobsbawm não deixa de lembrar, o próprio Marx foi o primeiro a reconhecer), criação desenvolvida e levada a seu ponto mais alto por Aulard, Jaurès, Mathiez e Lefebvre (historiadores republicanos e socialistas) nas três primeiras décadas do século XX.</p> <p>Os construtores do novo regime (na luta contra</p>		
--	--	--	--

		<p>Carlos X que desejava restaurar o antigo regime) precisavam de proteção contra os velhos e os novos perigos. Não surpreende que aprendessem a se reconhecer, no curso dos acontecimentos e também retrospectivamente, como uma classe média, e a reconhecer a Revolução como uma luta de classes tanto contra a aristocracia quanto contra os pobres. E, contudo, que outra coisa poderiam ter feito?</p> <p>A moderna visão revisionista de que a Revolução Francesa foi, em certo sentido 'desnecessária', ou seja, que a França do século XIX seria quase a mesma se a Revolução não tivesse acontecido, é o tipo de proposição contrafactual que não é plausível nem passível de prova"</p> <p>Ainda de acordo com Hobsbawm, se a interpretação dos liberais do século XIX expressava uma realidade social de luta de classes e uma concepção que orientava a ação e dava sentido à história, a interpretação dos revisionistas franceses desta segunda metade do século XX expressa, "não um perigo detectado de revolta social, mas um ajuste de contas na Rive Gauche de Paris" . Se da II Guerra Mundial até os anos 60 o marxismo foi a moda intelectual dominante em Paris e na França ("Em todo caso, as modas intelectuais ditam as cores ideológicas a serem usadas durante o ciclo corrente, da mesma forma que a haute couture dita as cores da estação."), a partir da década seguinte "tornou-se mais difícil encontrar marxistas do que positivistas no velho estilo, e os que sobraram foram abandonados como um chapéu velho". Dadas as peculiaridades da esquerda francesa (decorrentes da própria importância e peso da Revolução Francesa e da hegemonia do marxismo e do Partido Comunista no pós-guerra), a "revisão liberal da história revolucionária francesa é inteiramente dirigida, via 1789, para 1917". Em outras palavras, o ajuste de contas com o marxismo e o comunismo, no caso da França (onde a maioria dos intelectuais, como Furet, tinha sido marxista e comunista), passava quase que necessária e previamente por um ajuste de contas com a Revolução Francesa,</p>		
--	--	---	--	--

		<p>cuja historiografia era dominada pela esquerda.</p> <p>Eric Hobsbawm – A Era das Revoluções Voltando a obra A Era das Revoluções, Hobsbawm demonstrou que a terra, considerada pelos economistas do período da Revolução Francesa, como a única fonte de renda, como condição para um desenvolvimento econômico rápido, foi fonte de preocupação desde o princípio da Revolução Francesa. A Reforma agrária dos Jacobinos e as guerras napoleônicas desempenharam importante papel na eliminação dos obstáculos à conversão da economia feudal em capitalista: a resistência dos proprietários nobres (que perdiam seus privilégios) e a do campesinato que perdia a sua estabilidade). A revolução legal foi para essa classe, sobretudo, como um terremoto artificial.</p> <p>Na França, apesar das muitas condições favoráveis, como a inventividade de seus profissionais, comerciantes, cientistas, teve um desenvolvimento econômico lento em geral (inclusive demográfica e urbanisticamente). Isso explica pela própria Revolução Francesa. Mais especificamente: pelo restrito mercado consumidor nacional e pela falta de estímulo à empresa privada, por exemplo.</p> <p>A Revolução Francesa determinando o fim da sociedade aristocrática, baseou-se no direito ideal de igualdade, incentivou a valorização do mérito individual, do talento (contra o valor do simples nascimento nobre ou não), estimulando, assim, o ensino elementar e o ingresso no mundo dos negócios.</p> <p>Dessa forma, minorias até então excluídas por nascimento (não nobres, protestantes e judeus) aproveitaram-se dessa “abertura a qualquer espécie de talento” para subir na escala social. Porém, se “o mundo da classe média estava aberto a todos”, o preconceito passou a cair sobre aqueles que definitivamente não o conseguem alcançar. Os pobres, então, eram tratados insensivelmente, como não humanos: uma sociedade hierárquica foi reconstruída sobre os princípios de igualdade</p>		
--	--	--	--	--

	<p>formal.</p> <p>Os trabalhadores pobres, por sua vez, tinham as alternativas de ora tentarem subir na vida (o que era além de difícil, estranho aos valores tradicionais das classes baixas); ora submeterem-se passivamente (e, entre as formas de submissão se incluem a fuga na bebida, prostituição e desmoralização em geral); ou ainda rebelarem-se.</p> <p>O movimento operário não foi, porém, uma reação dos pobres: os estranhamento das novas condições de trabalho serviu para formar nos operários uma consciência de classe. Essa consciência se refletiu na organização e atividade do movimento: sindicatos, cooperativas, jornais, agitação.</p> <p>O ideal de sociedade não era mais o de uma "sociedade livre", mas "socialista", coletiva. Essa consciência não existia na Revolução Francesa e antes de 1848, praticamente não existia na França (onde era reforçada pela consciência da dignidade do pobre, de inspiração jacobina) ou da Inglaterra (forças proletárias já amadurecidas).</p> <p>Apesar da existência de movimentos de trabalhadores nesses dois países, seu poder era menor que o temido pelos ricos, "o espectro do comunismo" ainda não tinha uma verdadeira força organizada, por falhas de liderança geral.</p> <p>A partir das revoluções liberais de 1830 surgiram movimentos inspirados ou fundados por Giuseppe Mazzini: Jovem Itália, Jovem, Polônia, Jovem Suíça, Jovem Alemanha, Jovem França, Jovem Irlanda (hoje IRA) que denotam a divisão do movimento revolucionário e estão na base do surgimento do Nacionalismo..</p> <p>O nacionalismo estava presente na Revolução Francesa, desde que se atribuíra uma equivalência entre povo e nação. Posteriormente a consciência nacional passou a refletir forças mais potentes: o descontentamento do proletariado; da baixa e pequena nobreza; e o surgimento de uma classe média inferior (intelectuais, por exemplo).</p> <p>O nacionalismo ganhou defensores nas universidades – relativo à substituição do latim pela</p>		
--	--	--	--

		<p>língua nacional. Esse nacionalismo contribuiu para a percepção da existência e afirmação de uma consciência nacional e o fenômeno de desenraizamento dos povos.</p> <p>FURET, François. Interpretando a Revolução Francesa. São Paulo: Paz e Terra, 1989. (As edições francesa e inglesa são de 1978, publicadas pela Gallimard e Universidade de Cambridge)</p> <p>HOBBSAWM, Eric J. A Era das Revoluções. São Paulo: Paz e Terra, 2010.</p> <p>HOBBSAWM, Eric J. Ecos da Marselhesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.</p>		
--	--	--	--	--